

# historia: fronteiras



**Vol. II**

Eunice Nodari  
Joana Maria Pedro  
Zilda M. Gricoli Iokoi  
(organizadoras)

Volume II



# História: Fronteiras

XX Simpósio Nacional da ANPUH

Florianópolis-SC

Julho de 1999

ANPUH

*Humanitas*  
FFLCH/USP

1999

---

## A PEQUENA ITÁLIA DE NITERÓI: UMA CIDADE, MUITAS FAMÍLIAS

---

Angela de Castro Gomes  
*Universidade Federal Fluminense*

**E**ste trabalho recupera um tema clássico dos estudos de história e de história da memória: a trajetória de famílias que, em determinado momento de suas vidas e da vida de seus países, empreenderam a aventura da imigração entre dois mundos. Um deles, o velho mundo europeu que povoou continentes com seus conquistadores, colonizadores e imigrantes. O outro, o novo mundo americano, alimentador de um imaginário grandioso que antecedeu até mesmo o seu descobrimento por navegadores europeus. No velho mundo, a origem dos imigrantes é a Itália, um dos países que, desde meados do século XIX, abastecia com seus homens pobres as massas migratórias que se dirigiam tanto para a América do Norte, quanto para a do Sul. No novo mundo, o destino aqui enfocado é o Brasil que, ao lado da Argentina, apresentava-se como uma segunda melhor alternativa para o longo, doloroso e, se tudo e Deus permitissem, glorioso deslocamento.

O que torna, portanto, esta incursão sobre a história da memória de famílias imigrantes interessante é menos o tema geral e mais certas particularidades específicas em sua abordagem. Em primeiro lugar, trata-se de lidar com a vinda de italianos ocorrida após o fenômeno ou a época designada como a da “grande imigração”, isto é, a que decorre entre 1870-80 até cerca de 1930<sup>1</sup>. Neste período, cerca de um milhão e meio de pessoas desta nacionalidade chegaram ao Brasil, o que não é um número tão expressivo, se comparado às levas que chegaram aos USA e à Argentina, também não é pouco, quando pensamos que a população da cidade do Rio de Janeiro, a maior do país em 1940, era de apro-

ximadamente de um milhão e setecentos mil habitantes<sup>2</sup>. Portanto, a reflexão não se volta para esses imigrantes, que se dirigiram predominantemente para São Paulo e para os estados do sul (Rio Grande, Santa Catarina e Paraná), sendo constrangidos, induzidos ou mesmo procurando, por livre escolha, uma localização na zona rural do novo país.

O objetivo aqui é observar os imigrantes italianos que vieram após este período e sob outras circunstâncias e dificuldades, assinaladas basicamente pelo final da 2ª Guerra Mundial, com seus desdobramentos econômicos e políticos, tanto para a Itália, quanto para o Brasil<sup>3</sup>. Seu destino é, assim, um pouco diverso, pois se a grande parte desses homens continuava a ter uma origem camponesa muito pobre, a maioria não acalentava mais o sonho da propriedade da terra na América, e muito menos buscava uma colocação em alguma fazenda “de brasileiro”. Portanto, embora até existissem projetos de assentamentos de colonos italianos em área rural<sup>4</sup>, o fluxo do pós-segunda guerra esteve marcado, desde o início, pela expectativa de uma luta que se faria no ambiente, também pouco hospitaleiro, de algumas cidades do Brasil. Entre elas é que se encontra Niterói, na época capital do Estado do Rio de Janeiro, e vizinha da cidade do Rio de Janeiro, o Distrito Federal<sup>5</sup>.

Em segundo lugar, como já se anuncia claramente, trabalhar com um grupo de famílias imigrantes numa cidade de médio porte como Niterói é uma estratégia para se tratar das questões mais gerais da imigração no período e também para se abordar a dinâmica da imigração italiana na região do entorno da baía de Guanabara, tendo o Rio de Janeiro como porto de entrada. Um dos mais fortes estímulos para essa escolha encontra-se no fato de, tanto o momento, quanto o espaço geográfico, serem pouco estudados pela literatura que trata da imigração italiana no Brasil, muito abundante para São Paulo, para os três estados do sul e também para Minas, sobretudo quando referida aos fins do século XIX e inícios do XX<sup>6</sup>.

As razões para essa escassez são compreensíveis, uma vez que entre 1940 e 1950 a imigração do exterior para o Brasil diminuiu sensivelmente, o que se refletiu na entrada de italianos para

o Estado do Rio de Janeiro, que caiu de 4.607 para 3.454 pessoas, respectivamente. Ou seja, pelos dados do censo de 1950, o número de italianos que se achava no Brasil era de 242.337, sendo que o Estado do Rio representava apenas 1,72% deste total. Os maiores contingentes continuavam situados em São Paulo e nos três estados da região Sul, conforme tendência consolidada pelo tempo. Além disso, entre 1951 e 1957, o número de imigrantes italianos também não é tão grande, alcançando 75.000 pessoas, de forma que, em 1958, e considerando-se a taxa natural de óbitos, o número de italianos deveria continuar próximo aos 242.000 estimados em 1950<sup>7</sup>.

Por conseguinte, o trabalho é um estudo de caso que procura mapear, em fins dos anos 90, a história da memória dos italianos que se instalaram em Niterói, predominantemente a partir de meados dos anos 40, trabalhando com algumas narrativas de famílias. O procedimento para o mapeamento da comunidade e para a escolha das famílias a serem entrevistadas apoiou-se em duas organizações referenciais de guarda da memória – o Clube Italiano e a Associação Beneficente Italiana (ABITA) –, ambas frutos diretos dos que chegaram a Niterói no pós 2ª Guerra. Além delas, foi extremamente útil a consulta ao jornal *Comunità Italiana*, elaborado e publicado por um jovem descendente, Pietro Petraglia, que cobre os acontecimentos sociais, culturais, políticos e econômicos dos imigrantes italianos do país e não apenas do Estado do Rio e da cidade de Niterói. Portanto, a pesquisa privilegiou as fontes orais, mas consultou os dados da ABITA e fez um levantamento do jornal, além de se beneficiar da documentação privada – escrita e visual – dos próprios entrevistados. Finalmente, também foi possível trabalhar com o acervo de fotografias depositado no Centro de Memória Fluminense pelo Sr. Carlos Mônaco, outro descendente de família italiana de Niterói e nosso entrevistado.

Ao todo, foram selecionadas oito famílias – Chinelli, Ciambarela, Polizzo, Figlino, Mônaco, Petraglia, Vanni e Andreoli –, que não pretendem constituir uma amostra quantitativa da comunidade, mas sim fornecer um perfil de trajetórias que contemplem temáticas ligadas às condições da imigração no pós-

guerra; às formas de estabelecimento na cidade de Niterói, em especial às redes de solidariedade familiar montadas quando da chegada dos imigrantes; às características físicas e sociais da cidade na época; e às atividades econômicas nas quais esses homens e mulheres se envolveram, privilegiando-se as que se constituíram em um quase monopólio do grupo de italianos. Por conseguinte, a pesquisa trabalha numa linha que combina história social e cultural, destacando o espaço urbano, no caso a cidade de Niterói, como “lugar” onde uma série de temas caros à disciplina podem ser problematizados. O enfoque que conduziu o projeto enfatizou a “experiência” (no sentido de E. P. Thompson) dos atores recortados, lidando também com conceitos como “trajetória; geração e memória geracional; projeto; silêncio e esquecimento”, todos presentes na literatura mais recente que se utiliza da História Oral<sup>8</sup>.

Em alguns casos foi possível realizar entrevistas com mais de um membro de uma família, mas em outros isto não ocorreu, procurando-se então um depoimento mais longo e estratégico para a reconstituição da narrativa do grupo familiar. A pesquisa preparatória e a ida ao campo tomaram quase um ano e meio de trabalho, atingindo diretamente 19 pessoas e totalizando cerca de 25 horas de gravação, realizadas pela coordenadora do projeto, sua assistente e alguns alunos de graduação<sup>9</sup>. E é este terceiro aspecto que conviria ser ressaltado. Todo o processo de investigação se beneficiou, em maior ou menor grau, da atuação de estudantes do Curso de História da Universidade Federal Fluminense (UFF), conjugando ensino e pesquisa e conformando-se como atividade de diálogo entre a universidade e a população da cidade que a abriga. Para além deste artigo, por conseguinte, e como retorno pela cooperação do grupo, um volume contendo alguns dos depoimentos recolhidos, devidamente transcritos e editados, será elaborado, devendo igualmente ser acompanhado de parte do material iconográfico coletado<sup>10</sup>.

#### AMÉRICA, AMÉRICA

A história que esses imigrantes contam sobre suas vidas e a vida de suas famílias e comunidade não é fundamentalmente

diferente de muitos relatos sobre a aventura de migrar. Mas há variações e emoções<sup>11</sup>.

A maioria dos italianos que vem para Niterói sai da Calábria, região sul da Itália, marcada pela pobreza dos campos e das oportunidades de trabalho. Mais especificamente, por razões que se prendem a uma delicada e antiga rede de solidariedade, eles vêm de algumas pequenas cidades, como Fuscaldo e Paola, na província de Cosenza, e da cidade de Sacco, em Salerno, mais próxima ao porto de Nápoles<sup>12</sup>.

Fuscaldo – de *fons caldo* ou água quente – é uma pequena cidade de montanha, lembrada como famosa por seu bom clima e pela tradição medieval de suas famílias. Dominava, em seu passado, região geográfica bem maior, abarcando a vizinha e litorânea Paola. São como duas cidades irmãs, tanto no que se refere à proximidade de atividades sócio-econômicas, dominadas pela vida rural fundada no cultivo do milho e dos legumes, além da criação de porcos e galinhas, quanto no que se refere às disputas pelo santo protetor: São Francisco de Paola. Muitíssimo religiosos, sobretudo italianos particularmente abençoados por um santo forte, os habitantes de Fuscaldo e Paola, ao se lembrarem de “seus tempos” na terra natal, remarcarão a festa de São Francisco, comemorada no segundo domingo de maio com missa, procissão, barraquinhas e comida farta e gostosa.

Há várias lembranças de milagres, alguns dentro da própria família, como ocorreu com o pai do Sr. Vincenzo Figlino, um trabalhador da estrada de ferro que, em uma queda do trem, teve a perna ferida e gangrenada. Segundo seu relato, os médicos da cidade não acreditavam na possibilidade de cura do pai. Mas ele, devoto do santo, na véspera de viajar para Roma com a finalidade de amputar a perna, teve uma visão. São Francisco apareceu em seu quarto e ordenou que alguém da família fosse imediatamente ao convento pegar o azeite produzido para alimentar a lâmpada acesa em sua homenagem. Com esse azeite, a perna deveria ser friccionada até ficar completamente boa. E foi o que aconteceu. Diante de narrativas como essa, são compreensíveis os esforços movidos por muitos dos imigrantes italianos, já

no Brasil há um bom tempo, para a construção de uma igreja na Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro.

Se os de Paola e Fuscaldo contam muitas histórias sobre as dificuldades vividas em sua região, na Calábria, a situação não é distinta para os que vêm de Sacco e que estreitam, com o tempo, os laços com Niterói. Conforme um de nossos entrevistados esclareceu,

Niterói parece que é hoje um “gemellaggio” de Sacco. (...) São cidades gêmeas (...) Então há laços que beneficiam o comércio, os estudos, enfim tudo. Passou inclusive um programa da Regina Casé na cidade (de Sacco) e foi um parente nosso que viu os endereços (...) para a produção da Regina. No final da matéria, ela até falou: A gente vai ter que colocar uma estátua do Araribóia aqui, porque todos foram para Niterói<sup>13</sup>.

Sacco, Fuscaldo e Paola são algumas das pequenas cidades do sul da Itália atingidas pela pobreza da região e, mais ainda, pelo caos trazido pela guerra. Aliás, na memória desses homens, mulheres e crianças, o “tempo da Itália” tem um claro divisor com a chegada da guerra. Antes dela, referem-se a uma vida simples, marcada pelo cultivo em pequenas propriedades, suficientes contudo para alimentar a família, que também podia contar com membros que se dedicassem ao trabalho na ferrovia ou que tivessem profissões como marcenaria e outras do gênero. Como os que hoje falam eram jovens ou crianças em inícios dos anos 40, registram que todos, em suas cidades, freqüentavam a escola, muito valorizada e importante no regime de Mussolini, então o grande líder italiano. O Sr. Pietro Polizzo conta que estudou numa escola que era uma casa, onde uma antiga professora, na ocasião já com sessenta anos, dava aulas. Lá haviam estudado seus pais e muitas outras pessoas do lugar. Após a guerra, a casa-escola acabou sendo comprada por seu sogro e, por fim, pertencendo à sua esposa. Portanto, a casa acabou em suas mãos, sendo por ele reformada e cedida à Prefeitura, para que nela se instalasse, mais uma vez, uma escola.

(...) estavam procurando uma casa para fazer um grupo escolar. E eu cedi a casa, com muito prazer. (...) só para me lembrar (...) aonde eu estudei, aonde nos formamos (...) e [hoje] tem outras crianças aprendendo<sup>14</sup>.

O orgulho do Sr. Pietro é compreensível, uma vez que ele não só conseguiu realizar o feito de reformar “sua” antiga escola e oferecê-la à comunidade da cidade, indicador visível do sucesso de seu deslocamento para a América e de seu apego a Paola, como igualmente porque conseguiu manter, com os irmãos, a pequena porção de terra que simboliza sua família na Itália. Seu irmão Carmine, que não migrou para o Brasil, cuida do sítio, para onde o Sr. Pietro e outros membros da família viajam anualmente: “(...) a gente vai lá... é só abrir a janela normalmente. Tem umas fruteiras boas”.

Este fato remete a uma questão fundamental, que é a de como ficam estas propriedades quando tantos saem da Itália, sobretudo porque eram justamente os homens jovens, isto é, aqueles que trabalhavam no campo, se existissem as condições necessárias. É claro que nada de conclusivo pode ser dito a partir de tão poucos depoimentos, mas o que se observou dos relatos é que em vários casos de família onde existia uma propriedade, ela foi mantida por um bom tempo por algum membro do grupo, até ser ou definitivamente vendida ou recuperada para servir como residência, quando das viagens à Itália. Ou seja, é evidente não só uma preocupação em manter os laços com a cidade natal e com os habitantes e familiares que lá ficaram, como especificamente em manter o vínculo com a terra em que os avós, pais e eles mesmos trabalharam, embora nem sempre o final da história, própria de uma cultura camponesa, tenha tanto sucesso como a do Sr. Pietro.

Meu avô tinha uma fazendola onde trabalhava e onde havia um rebanho de ovelhas, vacas, bois, aquelas coisas para trabalhar a terra.(...) Havia também uma máquina com a qual colhia trigo para ele e, quando acabava, para os outros. (...) Ele sempre contratava uma pessoa ou outra, porque lá não havia muitos empregados, (...) porque todos que moravam e trabalhavam na cidade tinham um pedacinho de terra. Alguns, como nós, tinham um pedaço maior. (...) Após a guerra, todo mundo foi para a cidade grande. A cidade, que tinha uns 2.000 habitantes, hoje não tem mais ninguém. Mas todo mundo conservou a casa dos pais, reformou... As terras, todo mundo abandonou e, onde não se cultivou, a floresta plantou um pinheiral<sup>15</sup>.

De qualquer forma, antes da guerra a vida era “boa, embora dura”, havendo família, alimentação, estudos e festas. Com a guerra tudo mudou. Em primeiro lugar mudou porque em muitos casos havia familiares que eram soldados e acabaram sendo combatentes do Exército italiano. Vale registrar que os depoimentos, em geral, afirmam uma admiração intensa por Mussolini e pelas mudanças que vinha realizando na Itália, dentre as quais um maior acesso à educação, que se tornava um bem almejado para os habitantes das regiões mais pobres. O “erro” de Mussolini, para vários entrevistados, teria sido aliar-se a Hitler ou por opção, ou por falta de opção. A questão foi a da entrada na guerra ao lado dos alemães. A partir daí, os problemas foram múltiplos e desconcertantes: houve os bombardeios ingleses, a morte de Mussolini; e a adesão aos aliados, com a punição final, dentro da Itália, materializada na perseguição movida pelos alemães a seus ex-aliados. Isso sem falar na convivência com a resistência, também muito complexa.

1086

Esta rápida análise global fica registrada por uma série de vivências cotidianas e politicamente dramáticas. O tio de Filipina Chinelli, Rafael, engaja-se voluntariamente nas tropas de Mussolini, acreditando em seu líder. Após a derrota deste, é corajosamente protegido pela família, particularmente pela irmã, D. Teresina, quer dos alemães, agora inimigos, quer dos italianos antifacistas. É mais ou menos nesta ocasião que D. Teresina ia até Milão realizar “trocas” que mantivessem a família alimentada, chegando a ver o corpo de Mussolini exposto em praça pública, fato que nunca abandonou suas recordações. Seu marido, o pai de Filipina, também foi soldado facista, e após “a mudança de lado da Itália”, foi aprisionado pelos alemães e levado para um campo de trabalho, onde se fabricava explosivos. O Sr. Salvador, que não gravou mas conversou conosco, conta que lá era tudo tão horrível que chegou a se oferecer para lutar junto aos alemães, quando estes procuravam, nos campos, voluntários para morrer. Mas estava muito fraco e não foi aceito. Para ele, era uma chance de sair “dali”, como acabou saindo, andando a pé da Alemanha até Fuscald, quando do fim da guerra.

Mas a Segunda Guerra não era uma experiência propriamente nova para algumas famílias da região. Muitas tinham membros dentre os ex-combatentes do primeiro conflito mundial e da chamada “guerra da África” de Mussolini, como era o caso do pai de D. Marianinna Allevato Ciambarela. Segundo ela mesma, o Sr. Antonio Allevato era um soldado profissional e um “aventureiro”, tanto que já tinha viajado para o Brasil nos anos 10, ocasião em que conheceu a sua mãe. Depois do casamento, que se realiza na Itália, ele retornara ao Brasil sozinho, voltando para se alistar como soldado fascista. Como se vê, em certas circunstâncias, a guerra e a imigração são experiências tão perigosas e profundas que partilham de um mesmo fundo memorialístico, integrando uma espécie de destino, ao menos para os calabreses pobres e sem maiores oportunidades de vida. Era preciso arriscar e acreditar. Foi o que em boa parte muitos deles fizeram.

Contudo, a segunda grande guerra foi especial para esses italianos do sul pelo impacto causado pela convivência com os bombardeios sofridos. Alguns depoentes de Paola e Fuscaldo relatam como tiveram que sair das duas cidades e “acampar nas montanhas” em condições absolutamente precárias, escondendo-se e lutando por uma parca alimentação que precisava e era compartilhada. Tudo, portanto, ficara radicalmente interrompido pela força das bombas dos ingleses que, em seguida, e de forma um tanto incompreensível, tornaram-se aliados dos italianos.

O tempo da guerra, como não poderia deixar de ser, foi assim o tempo da mais radical pobreza e do medo, primeiro dos aviões, depois dos alemães e por fim da própria resistência, que não gostava das famílias que houvessem tido soldados alistados com Mussolini. Quando o conflito se encerrou, a Itália e, particularmente a já pobre Calábria, estavam arrasadas. A recuperação, como todos logo se dão conta, iria ser lenta e começaria pelo norte, bem mais desenvolvido. Não havia, de imediato, para os jovens do sul, como retomar os estudos, sendo também remota a chance de conseguir um posto de trabalho. Os poucos existentes eram ocupados por homens mais velhos, casados e mais qualificados. Ficavam, como opções, o deslocamento para as cidades do norte do país – em especial Milão –, ou a luta por um lugar na

fila dos que se dispunham a vir para a América. Os tempos do imediato pós-guerra foram, por conseguinte, tempos de rememorar as experiências familiares de todos os que já haviam experimentado tal aventura. Como Filipina e os demais entrevistados me esclareceram, as cidades eram pequenas; todos se conheciam e haviam se aproximado com a guerra; e todos tinham, no presente ou em um passado mais ou menos próximo, familiares que haviam imigrado e contavam histórias, muitas histórias.

Duas podem ser tomadas como paradigmáticas. O Sr. Vicente Figlino, por exemplo, fala como seu avô narrava suas diversas vindas para o Brasil, todas avaliadas como bem sucedidas em termos econômicos e coroadas com o retorno a Paola, onde usava o dinheiro ganho na compra de mais um pedaço de terra. Era nesta terra que ele trabalhava com o avô, plantando e colhendo, até a guerra. O Brasil era, para o avô e, de uma certa forma, ainda é para o Sr. Vicente, uma “terra santa”. A imagem bíblica e a duração do mito da América parecem ter atravessado os meados do século XX, sendo razoavelmente recorrente no universo de expectativas dos que decidem então imigrar.

Como se vê, pelo inventário familiar, tratava-se geralmente de uma viagem de ida e volta, que podia ser repetida e que estava garantida pelas oportunidades amplas de trabalho que o novo país oferecia até os anos 30. Poucos, neste sentido, são desestimulados, como é o caso do Sr. Pietro Polizzo, cujo pai estivera no Brasil em fins dos anos 10. Suas lembranças eram péssimas, marcadas pelo calor e agitação do Rio, mas sobretudo pelo horror da gripe espanhola que matara sua irmã. O Sr. Raimundo Polizzo, dono de um pequeno pedaço de terra próximo a Paola e pai de 13 filhos, era radicalmente contra uma viagem à América. Mas a situação era muito dura, segundo o Sr. Pietro, e ele decide partir com o apoio da família da mãe, os Trotta, em especial seu tio materno, Ernesto, que lhe garante uma carta de chamada e assegura que lhe arranjará um trabalho. Com 19 anos, em 1952, ele toma o navio Andrea Critti, acompanhado de dois primos e da irmã Rosalina, casada por procuração com um conterrâneo que já estava no Brasil. Os primos, é verdade, iam para Buenos Aires, mas os dois irmãos tinham o Rio de Janeiro como destino.

A viagem não era coisa fácil. A passagem era cara e normalmente exigia a mobilização financeira da família, inclusive com a contratação de despachantes que cuidavam dos papéis necessários no Consulado em Nápoles. O visto requeria uma “carta de chamada”, que podia ser verdadeira ou não, mas que cumpria o papel burocrático de assegurar às autoridades brasileiras que havia quem respondesse pelo imigrante, quando de sua chegada.

(...) eu não podia vir como um imigrante qualquer. O Brasil, na época, só aceitava gente especializada. Eu vim como se fosse um grande carpinteiro, mas eu nunca segurei um martelo na mão. (...) Essa era uma das condições para o visto. Mas era só para constar no papel. (...) E tinha que ter um responsável para me dar emprego. Mas isso também era uma fachada; eu nunca conheci o meu responsável. (...) Um parente (no Brasil) chegava perto de um amigo que tinha uma coisinha e dizia: Diz que você é o responsável, mas não se preocupe que ele não vai te dar dor de cabeça nenhuma<sup>16</sup>.

Além disso, havia um exame médico considerado muito rigoroso. Aquele que não “estivesse realmente bem” era “barrado” e não podia seguir viagem. O momento, evidentemente, era de grande demanda para sair, sendo a América do Sul um alvo preferencial, uma vez que os Estados Unidos estavam inibindo os fluxos migratórios. Até 1948, inclusive, o Brasil teve posição chave, pois a Argentina, só após a ascensão de Péron, em 1946, reverte sua política restritiva anterior, abrindo-se para novas levadas migratórias.

De uma forma geral, aqueles que partiam na virada dos 1950 já possuíam parentes ou referências no Brasil. No geral, seguiam, de início, um ou dois membros da família, que podia se deslocar toda ou em parte nos anos seguintes, conforme os sucessos obtidos. Logicamente, estes novos “pioneiros” eram jovens solteiros ou maridos desacompanhados, que declaravam, de forma verdadeira ou “inventada”, mais uma vez, possuir profissões “especializadas”, como as de carpinteiro, sorveteiro etc. A bagagem era mínima, constando de poucas roupas e um ou outro presente. Como explica o Sr. Vicente:

(...) a pessoa que tinha parentes e amigos aqui, devia trazer certas coisas tradicionais: pimenta em pó, azeitonas, queijo, salames...que hoje não é preciso, porque, graças a Deus, temos tudo<sup>17</sup>.

Ferramentas ou dinheiro eram mais raros ainda, havendo variações quando seguia uma “segunda parte” da família, composta por mulher e filhos ou pelos pais, avós e irmãos. Aí há menções a peças de cama e mesa e a alguns objetos para a casa. Para a maioria absoluta, a viagem de navio era a primeira experiência de deslocamento, vivenciada por uns como um período até agradável, onde se faziam novos amigos e se estreitavam relações com pessoas já conhecidas. Para outros, contudo, em especial para as mulheres e crianças, ela foi um tempo de mal-estar físico e psicológico, ante a angústia de ter que sair da Itália e o medo do que se iria enfrentar, mesmo que para encontrar o marido e outros familiares.

A viagem foi divertida e sofrida. (...) Era um navio muito pequeno. Quando chegamos na linha do Equador, tivemos 3 dias e 3 noites de tempestade. Pensei que o navio ia afundar. (...) E havia muita gente. Não eram cabines; eram aqueles porões. Uns dormiam de um lado, outros dormiam do outro. Na porta, tinha um marinheiro. Se a pessoa tinha necessidade de ir ao banheiro, saía. Aí eu fingi que tinha que ir, me escondi e não voltei mais. Fiquei dois dias e duas noites dormindo debaixo de uma lona na popa do navio. Ele entrava embaixo d' água e se levantava (...)<sup>18</sup>.

Se a viagem é uma experiência ambígua, as impressões da chegada guardam uma notável convergência. Praticamente todos os depoentes falam de cores. Da luz do sol e de seu calor; da visão do mar e do colorido da terra. Nesta, são os homens negros de vários matizes que impressionam, pela abundância e presença no porto. Mesmo não sendo desconhecidos, pois houve soldados americanos e brasileiros negros na Itália, os depoentes insistem no impacto da visão, qualificada, quando da entrevista, como inteiramente desprovida de qualquer preconceito. O ponto que hoje se quer marcar é o da surpresa, menos que o do desagrado.

Quando nós chegamos no cais do porto eram onze horas da manhã. Meu cunhado chegou lá com um carrão, um Cadillac para me apanhar. No cais tinha uma fileira imensa de caminhões e neles tinha uma gente... Negro, negro, negro, segurando uma vasilhinha e comendo com a mão uma coisa preta que eu não sabia o que era. Eu fiquei apavorada e comecei a chorar (...) Quer dizer, eu não sabia que era feijão<sup>19</sup>.

Mas para além da surpresa, há os que asseguram terem ficado de imediato cativados pelo país, datando daí sua decisão de não querer mais voltar, o que podia obviamente ser uma alteração de uma intenção original ou uma bonita justificação para um projeto que, desde o nascedouro, praticamente não admitia o retorno.

#### A PEQUENA ITÁLIA DE NITERÓI

Uma vez no Brasil, no Rio ou em Niterói, esses imigrantes italianos enfrentavam com solidariedade familiar e comunitária o famoso problema do samba, “eu não tenho onde morar”. Eles, em geral, tinham onde morar e, no caso, a alternativa era dupla. Havia os que iam compartilhar a casa de parentes já instalados, dividindo com eles um espaço maior, quando havia mulher e mais ainda filhos, ou ocupando um quarto, quando se tratava de um jovem, sobrinho, primo etc. Naturalmente esta não era a solução definitiva para ninguém, mas seu tempo de duração também não era previsível rigidamente. Em princípio, quando eram famílias “completas”, a este momento deveria se seguir o aluguel de uma casa pequena e, em certos casos, também compartilhada com outra família. A história da família Chinelli é exemplar desta experiência.

Quando vem para o Brasil com suas duas filhas, D. Teresina encontra seu marido, Salvador, hospedado por sua prima em boa casa em bairro de subúrbio no Rio. Após algum tempo, e em função de trabalho, eles se mudam para Niterói, indo ocupar uma pequeníssima casa de fundos na Vila Pereira Carneiro, sob o abrigo de outra família italiana. Daí se mudarão para outra casa de fundos, desta vez maior e em bairro melhor, mas no mesmo terreno ocupado pela família Ciambarela, de quem se tornam grandes amigos. Só após muito tempo o Sr. Salvador pôde alugar uma casa para sua família e em seguida comprar outra, numa vila no centro da cidade de Niterói.

A outra alternativa foi a vivida pelo Sr. Pietro Polizzo. Quando chega, é recebido por seu tio em sua própria morada. Mas, alguns dias depois, já está instalado numa “casa de vagas” na rua 1º de Março, no centro do Rio, que era propriedade de italianos e funcionava com essa finalidade. O lugar era muito bom,

pois o trabalho do Sr. Pietro era no grande mercado municipal que funcionava na Praça XV, local onde se alimentava de comida italiana fornecida por patrícios. Ou seja, ele morava, trabalhava e comia com italianos no Rio. Daí, ele se mudará para Niterói, passando a morar no quarto da casa de uma tia, até se casar e alugar moradia própria para a família que se formaria. O Sr. Vicente tem história quase idêntica, sendo que, quando se casa com a noiva que deixara na Itália, aguardando seus progressos no Brasil, permanece morando na mesma casa que dividia anteriormente com sua tia. Embora já pudesse alugar uma casa só para si e sua recém-esposa, não o faz, preferindo que esta vivesse uma fase de “adaptação” com o país e a língua, acompanhada de alguém mais experiente. Era o caso de se aprender o nome das “coisas”, onde e o que comprar. Enfim, de como colocar o “arroz com feijão” ao lado da macarronada.

Morávamos num quarto, mas era como se fosse uma casa nossa. (...) Antigamente era um costume morar numa casa só e compartilhar tudo. Quando eu comprei a minha primeira casa, veio um irmão minha da Itália e eu botei na minha casa. Usava o meu fogão, o meu quarto, usava tudo<sup>20</sup>.

1092

A existência de mais de uma família dividindo o espaço de uma casa ou de um “quintal”, como dizem, cumpria, portanto, uma série de funções e se transformava num referencial de amizade e sociabilidade fundamentais. Estas casas eram tanto uma espécie de hospedaria temporária, quando do momento da chegada, quanto uma forma de habitação coletiva que minimizava os custos do estabelecimento inicial com a família. Entretanto, independentemente da questão econômica, podiam funcionar como meio protetor e socializador de mulheres, em especial as que chegavam recém-casadas, ou por procuração, ou com os maridos que as traziam da Itália.

Para as mulheres, a casa era obviamente fundamental. Se houve as que encontraram seus maridos em razoáveis condições de vida e se tornaram apenas donas de casa, como a maioria das brasileiras de classe média dos anos 50, houve as que precisaram trabalhar, e muito. Aliás, muito já se escreveu sobre

o imaginário da imigração e os espaços fundamentais nele ocupados por uma cultura doméstica e pelo valor do trabalho, como meios de ascensão social. O trabalho feminino faz a interseção perfeita desses dois grandes símbolos do esforço do imigrante. São recorrentes as menções de vários descendentes, principalmente filhos, ao como suas mães trabalharam para ajudar os pais, geralmente dentro de casa, pois a italiana não trabalha “fora”. Cozinhar para fornecer pensão, principalmente na própria casa, como D. Francisca, a mãe do Sr. Carlos Mônaco. Costurar por tarefa, como D. Marianinna Ciambarela e lavar e passar roupa, como D. Teresina Chinelli. Estas duas dividiam o mesmo “quintal” e lutaram arduamente para complementar o orçamento de seus maridos jornalheiros.

Costurei na máquina uma porção de anos para ajudar o Carmelo. Costurava calça para homem. O alfaiate do Rio cortava e me mandava. Pode perguntar à Franca, que morava vizinha, como eu trabalhava. As vezes, Franca e a minha irmã (Alba) levavam as calças lá na Avenida Rio Branco. A Franca é filha da Teresina. A Teresina lavava roupa e passava a ferro. E aí, a Filipina e a Franca, já mocinhas, carregavam a roupa para entregar ao fre-guês. A minha irmã então ia ajudar, para não deixar elas carregarem sozinhas. Mas a gente não desanimava não (...).

1093

A casa era, assim, tanto o espaço do trabalho, quanto o da família e das festas para essas mulheres. Carlos Mônaco e Antônio Ciambarela falam com sabor da macarronada tradicional dos domingos e das quintas feiras, e Filipina Chinelli procura se lembrar das receitas de molho que o mestrado em antropologia não ajudou a guardar. Domingo era dia de reunir amigos em casa e beber cerveja e vinho, conversando até tarde. O Natal era a grande festa, entremeada dos aniversários, da festa de São Francisco de Paola, em maio e de Nossa Senhora dos Anjos, em agosto. Além delas, havia as comemorações quando da chegada ao Brasil de mais um familiar. Em todas as ocasiões, música italiana e a dança da tarantela. Portanto, cantava-se e ouvia-se música italiana nas casas, mas em geral a língua usada com os filhos era o português, mesmo porque entre os adultos falava-se mais o dialeto da cidade de origem do que o próprio italiano.

Os filhos, em certos casos, também ajudavam no trabalho, mas o grande projeto das famílias era sua educação. Saídos da Itália sem poder terminar seus estudos, mas tendo vivido uma conjuntura de valorização da escola e de demanda por profissionais mais qualificados que eles, todo o investimento desses pais será lançado no futuro dos filhos. Além disso, no Brasil, as décadas de 1950 e 1960 são as de boas escolas públicas e, no caso de Niterói, especificamente, as da chegada das faculdades e da universidade, também públicas. Houve assim uma conjugação de fatores que impulsionou desejos e os tornou uma realidade possível. De uma maneira geral, quantitativa e qualitativamente, este foi um projeto que se realizou, sendo numerosos os descendentes que fizeram estudos superiores, seguindo inúmeras profissões, com destaque para as de área médica.

Para os filhos, por conseguinte, era preciso estudar e para os pais, trabalhar.

#### NOTAS

1094

<sup>1</sup> Este longo período pode ser subdividido em três grandes fluxos. O primeiro, de 1820 a 1876, com entrada de 350.117 imigrantes e predomínio de portugueses e alemães, que se dirigiam para núcleos de colonização organizados por iniciativa governamental ou particular. O segundo, de 1877 a 1903, com uma entrada de 1.927.992 pessoas, e com predominância de italianos. E o terceiro, de 1904 a 1930, com 2.142.117 imigrantes de várias nacionalidades e uma diminuição considerável de entradas durante a I Guerra Mundial. A partir de então, até os anos 1960, migram para o Brasil contingentes expressivos de japoneses, italianos e espanhóis, que se dirigem, basicamente, para áreas urbano-industriais. PATARRA, Neide L. "Dinâmica populacional e urbanização no Brasil: o período do pós-30", em FAUSTO, Boris. *História Geral da Civilização Brasileira*. São Paulo, Difel, tomo III, vol. 04, p. 253.

<sup>2</sup> O total de imigrantes italianos que vêm para o Brasil nesse período excede ao de portugueses, o que é um bom indicador de sua importância. Um texto recente sobre o assunto, de onde os dados aqui citados foram extraídos, é ALVIM, Zuleika. "Imigrantes: a vida privada dos pobres do campo". In NOVAIS, Fernando (coord.) e SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo, Cia. das Letras, 1998, vol. III, pp. 215-288. Outro texto sobre o assunto, mas focado em outro período, é o de FAUSTO, Boris. "Imigração: cortes e continuidades". NOVAIS, F. (coord.) e SCHWARCZ, L. (org.). *História da vida privada no Brasil*. vol. IV, pp. 13-64.

<sup>3</sup> Em 18 de setembro de 1945, ainda no Estado Novo, é sancionado o decreto-lei nº 7.967 que reabre o Brasil à imigração, mantendo-se, contudo, um sistema de quotas. Nos anos anteriores, nos círculos governamentais, já se debatia e esperava um grande fluxo de imigrantes, dada à situação de miséria do continente

europeu. Por isso, segundo as orientações de uma política “assimilacionista”, que deveria evitar a formação de quistos de não-nacionais, os imigrantes preferenciais seriam os portugueses, espanhóis e italianos.

<sup>4</sup> Em 1950 forma-se a Companhia Brasileira de Colonização e Imigração Italiana, que passa a desenvolver estudos visando a realização de empreendimentos no setor agrícola de nosso país. No geral, a experiência de implementação de colônias agrícolas de italianos – em São Paulo, na Bahia e no estado do Rio de Janeiro (como a Cooperativa Abruzzo Forte e Gentile, em Japuiba) – não foi bem sucedida.

<sup>5</sup> Niterói, em 1940, tinha 124.507 habitantes; em 1950, 170.868 e em 1960, 228.826. PATARRA, Neide. *op. cit.*, p. 262.

<sup>6</sup> Um excelente indicador desse vazão bibliográfico é a coletânea, em três volumes, organizada por DE BONI, Luis A. *A presença italiana no Brasil*. Porto Alegre/Torino, EST/Fondazione Giovanni Agnelli, 1996. Com dezenas de artigos, o Rio de Janeiro, Cidade e Estado, praticamente nela não está contemplado percentualmente. Em inícios de 1999, o Arquivo Nacional publicou um número de sua revista, *Acervo*, dedicado à imigração. Nela, há quatro artigos tratando do Rio de Janeiro e apenas um que aborda o tema no período do pós segunda guerra mundial. *Acervo*, vol. 10, nº 02, jul-dez. 1997.

<sup>7</sup> Todas essas informações censitárias foram retiradas do livro de CENNI, Franco. *Italianos no Brasil*. São Paulo, Livraria Martins, s/d, pp. 400-405.

<sup>8</sup> O texto, curto e direto, não é compatível com justificações teóricas sobre a natureza e o uso desses conceitos já amplamente compartilhados pelos que lidam com História Oral. As referências mais evidentes são Michel Pollack, Alessandro Portelli, Henry Rousso, Jean François Sirenelli, Giovanni Levi, dentre outros autores, em vários de seus trabalhos.

<sup>9</sup> Alguns membros de uma família não puderam ser entrevistados por razões diversas, mas nos deram informações em várias conversas anotadas. Assim, este texto se beneficia também de sua preciosa colaboração e a eles fica registrado nosso agradecimento. Quanto às entrevistas, estão todas depositadas no acervo do Laboratório de História Oral e Iconografia (LABHOI) e abertas ao público na Biblioteca do Gragoatá da UFF, junto ao material do Centro de Memória Fluminense.

<sup>10</sup> A pesquisa faz parte de um projeto integrado, desenvolvido pelo LABHOI, do Departamento de História da UFF, financiado pelo CNPq entre 1997 e 1999. Aproveito a ocasião para registrar meu agradecimento a essa agência financiadora, pois, sem as condições materiais por ela propiciada, teria sido impossível arcar com os custos inerentes à metodologia da História Oral.

<sup>11</sup> Queria enfatizar o sentido pedagógico deste projeto que buscou colocar os alunos de graduação em contato com as vivências e sentimentos dos depoentes, aproximando-os da prática da pesquisa e de uma “história viva”.

<sup>12</sup> Na onda migratória que marca os inícios da República, o Rio de Janeiro receberá, predominantemente, uma população de camponeses pobres oriunda das regiões do Minho, Douro e Trás-os-Montes, de Portugal; da região da Galiza, da Espanha; e das províncias de Cocenza, Salerno e Potenza, da Itália. Portanto, no caso dos italianos vindos no pós-guerra, há muitas viagens e histórias, de sucessos e fracassos, que os antecederam.

<sup>13</sup> PETRAGLIA, Pietro. *Depoimento*. LABHOI, UFF, 1998, Fita 1, Lado A.

<sup>14</sup> POLIZZO, Pietro. Depoimento, LABHOI, UFF, Fita 1, Lado A. A pequena citação seguinte é do mesmo local.

<sup>15</sup> ANDREOLLI, Maria Domênica Sasse. *Depoimento*. Fita 1, Lado A, LABHOI, UFF, 1998. D. Domênica é da cidade de Reggio Emília que é, hoje, por seu clima montanhoso, uma área de turismo.

<sup>16</sup> Depoimento de FIGLINO, Vicente. Fita 1, Lado B, LABHOI, UFF, 1998.

<sup>17</sup> *Idem*.

<sup>18</sup> *Idem*. Fita 2, Lado A.

<sup>19</sup> ANDREOLLI, Maria Domênica Sasse. *op. cit.*, LABHOI, UFF, 1998.

<sup>20</sup> FIGLINO, Vicente. *Depoimento*. Fita 2, Lado B, LABHOI, UFF, 1998.